

O SIGNIFICADO DE PENSAMENTO CRÍTICO¹

THE MEANING OF CRITICAL THINKING

Rodrigo Canal*

Resumo

Neste trabalho fornecemos algumas caracterizações de “pensamento crítico”. As motivações que originaram este estudo, em parte, foram a esperança de obter informações e esclarecimentos sobre as seguintes questões: o que é, ou como podemos definir o pensamento crítico? Qual é o significado exato de pensar criticamente? O que não é o pensamento crítico, o que não significa pensar criticamente? De que tipo e quais são os componentes, a estrutura, ou os elementos, do pensamento (pensar) crítico? Por isso, o objetivo da divulgação deste estudo é apenas apresentar um esboço/síntese (um relato) dos esclarecimentos e das definições da discussão contemporânea sobre a natureza do pensamento crítico baseado no estudo de obras produzidas pelo que se tem chamado hoje de *Movimento do pensamento crítico e da lógica informal*.

Palavras-chave: Pensamento Crítico. Lógica Informal. Persuasão. Literatura filosófico-científica inglesa.

Abstract

In this paper we provide characterizations of "critical thinking". The motivations that led to this study was the hope in trying to obtain information and clarification on the following issues: what it is, or how can we define the critical thinking? What is the exact meaning of thinking critically? What is critical thinking, which does not mean to think critically? What kind and what are the components, structure, or elements of thought (think) critical? How do we acquire and refine the thought (think) critical? Therefore, the purpose of the disclosure of this study is to present only an outline/summary (or a report) clarifications and definitions of contemporary discussion about the nature of critical thinking based on the study of works produced by what has been called the Movement of today critical thinking and informal logic.

Keywords: Critical Thinking. Informal Logic. Persuasion. Philosophical. Scientific english literature.

Introdução: o movimento da lógica informal e do pensamento crítico

Neste trabalho nosso foco incide, como se verá, sobre o tema/problema denominado de pensamento crítico (*critical thinking*): apresentaremos um breve relato

¹ O artigo é fruto de uma parte dos primeiros avanços nas investigações do projeto de pesquisa que coordeno, desde janeiro de 2011, na *Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA*, cadastrado na *Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação Tecnológica - PROPPIT*, cujo título é *Pensamento crítico: um estudo das formas de pensar/escrever/argumentar em Filosofia*.

* Professor Assistente I do *Centro de Formação Interdisciplinar – Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA*. prof.rodrigocanal@gmail.com.

acerca de questões conceituais a respeito do que podemos compreender da natureza e da estrutura (ou dos elementos/componentes) do que iremos chamar aqui de *pensar criticamente*. O estudo do pensamento crítico é considerado (por muitos representantes do movimento do pensamento crítico e da lógica informal²) como uma primeira aproximação ao estudo da Lógica, em particular, e da Filosofia, em geral. Algumas das questões conceituais de nosso interesse neste artigo são as seguintes³:

- O que é o pensamento crítico, o que é de fato pensar criticamente? O que não é o pensamento crítico? De que tipo e quais são os componentes, a estrutura, ou os elementos, do pensamento (pensar) crítico?

Pode-se perceber que, pelo conteúdo e forma das questões enunciadas acima, não é nosso objetivo oferecer, como é comum nos manuais/livros/cursos sobre pensamento crítico (publicados anualmente em muitas editoras do Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália), instrumentos teóricos, pragmáticos, paradigmáticos, didáticos, pedagógicos, etc. para a compreensão e o exercício/treinamento das habilidades de pensamento crítico. Não se pretende esgotar o assunto que será apresentado neste trabalho. Não iremos esboçar teorias e argumentos para defender uma proposta de estudo sobre o pensamento crítico. O trabalho pode ser visto como uma apresentação/introdução e indicando a existência desse tipo de estudo.

Entre os especialistas cuja trajetória acadêmico-teórica tem contribuído na confecção de manuais/guias/livros da arte/tarefa de pensar criticamente, o uso da expressão *critical thinking* (pensamento crítico) designa um termo técnico, o qual é utilizado por uma ampla e variada gama de pesquisadores de língua inglesa (Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália, etc.) em seus respectivos escritos, nos quais a expressão *Critical Thinking* (Pensamento Crítico) aparece no título ou, ao menos, no subtítulo desses livros-guias⁴.

² Movimento esse que será esclarecido mais à frente nesta seção.

³ Além dessas questões citadas no parágrafo seguinte, os manuais/livros de *critical thinking* procuram responder/cobrir problemas/temas que não serão tratados neste trabalho, tais como, por exemplo: por que o pensamento crítico é importante? Por que normalmente não pensamos criticamente? Por que precisamos de um curso em pensamento crítico? Que tipo de modelo podemos estipular para análise crítica de argumentos? (TITTLE, 2011). Quais são os padrões de pensamento crítico? Quais são os benefícios do pensamento crítico? Quais são as barreiras ao pensamento crítico? Quais são as características de um pensador crítico? (BASSHAM et al., 2011).

⁴ Muito embora os teóricos do assunto optem pela adoção de um termo técnico em comum, outra é a questão de saber se o mesmo é utilizado por todos com o mesmo sentido fundamental. Isso diz respeito à forma como os especialistas abordam esse problema de saber como podemos e devemos pensar o mais criticamente possível, e entender questões como: quais e de que tipo são as ferramentas de pensar

A abordagem ao pensamento crítico que relataremos aqui será aquela que entende este como um curso em que se estuda e desenvolve habilidades cognitivas de avaliar corretamente os argumentos e de saber como construir estes últimos. Entre algumas dessas habilidades e dos conhecimentos pode-se citar as seguintes, a saber: a capacidade de identificar num texto quando ocorre um argumento; a habilidade de separar as diversas partes desse argumento; a adoção de um conjunto de hábitos mentais, tais como o de reconhecer a própria ignorância, o de não chegar a conclusões sem informações suficientes, o de tratar visões opostas tal como é devido, evitar o autoengano e o hábito de identificar preconceitos.

Os representantes desse movimento têm em mente que esses tipos de habilidades/hábitos mentais não são algo que os estudantes conseguem adquirir e desenvolver apenas pela leitura. A literatura produzida, os livros-guias dos cursos de pensamento crítico exigem que os estudantes façam muitos exercícios como forma de praticar o estudo, visando sobretudo que estes se apropriem e dominem os conhecimentos e as habilidades (RAINBOLT, 2010).

Essa abordagem que estuda o pensamento crítico e que procura fornecer ferramentas que treinam habilidades de análise lógica e, logo, promovem o ensino da lógica para seus acadêmicos utiliza expressões similares, padrões nesse campo de investigação, tais como: *argumentação crítica*, *redação argumentativa crítica* e até mesmo *teorias da argumentação* (com base na lógica) contemporânea, etc..

Segundo Jeniffer Moon, em um artigo endereçado à *ESCalate* ([www.http://escalate.ac.uk/](http://escalate.ac.uk/)) intitulado *A new perspective on the elusive activity of critical thinking: a theoretical and practical approach*, o gênero de abordagem do pensamento crítico que privilegia e aborda este oferecendo técnicas de análise lógica da lógica formal e informal possuem uma *visão técnica do processo de aprendizagem do critical thinking*: reconhecem este enquanto uma habilidade cognitiva que pode ser melhorada pelo conhecimento e prática constante e contínua das regras da lógica. Por isso, nessa abordagem, o treino e o aperfeiçoamento do pensamento crítico é um processo contínuo, gradativo e sistemático de exame e avaliação constante e sempre por se fazer⁵.

No entanto, é importante salientar que essa não é a única abordagem que foi fundada e desenvolvida pelo movimento do pensamento crítico. Outro gênero de

criticamente? Que tipo de elementos devemos focar no estudo do pensamento crítico? Quais os pressupostos mais firmes dos quais se pode partir nessa abordagem?

⁵ MOON, Jennifer. **A new perspective on the elusive activity of critical thinking**: a theoretical and practical approach. Disponível em: <<http://escalate.ac.uk/2041>>. Acesso em: 15 set. 2012. p. 5.

enfoque surgido no debate é menos *disciplinado* e *orientado* pelas regras da lógica formal e informal, caracterizada sobretudo por procurar identificar os componentes, as competências/habilidades dos processos de pensamento crítico, a fim de tornar o próprio pensamento crítico mais compreensível/inteligível para o iniciante/acadêmico, de modo que este possa aprender a relacionar essas habilidades diretamente no mundo real⁶.

Os livros-guias que os representantes desta última abordagem apresentam se caracteriza enquanto um estudo do pensamento crítico cuja tarefa central seria mostrar ao iniciante como ele pode “[...] trabalhar através de e por si mesmo os problemas que são colocados a ele em sua vida cognitiva e pragmática: essa abordagem identifica alguns processos que podem estar envolvidos na avaliação crítica de julgamentos e dos preconceitos, de uma forma cuidadosa [...]”⁷.

Segundo Jeniffer Moon, tal acordo apenas se emergirá mediante a convenção das ideias produzidas pela literatura entre essas diferentes visões e abordagens, essas ideias terão que ser coerentes por si mesmas e se relacionarem entre si com concepções e práticas comuns de ensino/aprendizagem, uma base teórica e prática que pode ser traduzida para o uso em sala de aula⁸.

Muitos representantes desse movimento já tem por costume reconhecer e falar desse programa como o “Movimento da Lógica Informal e do Pensamento Crítico”, movimento esse cuja finalidade central foi o de realizar uma reforma na estrutura teórica, burocrática, pedagógica, didática, etc. de muitos colégios e faculdades da qual se originaram. O gênero de abordagem que relataremos, tem revelado que o estudo teórico e pragmático do pensamento crítico surgiu devido aos desapontamentos de professores/pesquisadores com relação às aplicações da lógica (formal) a casos reais de argumentos (aos argumentos que existem de fato na ciência, política, filosofia, religião, por exemplo) e nos mais diversos campos do conhecimento (política, ética, no cotidiano, etc.). Ocorreu que o movimento do pensamento crítico e da lógica informal procurou (e procura ainda) superar as técnicas, ferramentas teóricas usuais da lógica formal para análise, avaliação e construção crítica de argumentos.

⁶ Ibidem. p. 3.

⁷ MOON, Jennifer. **A new perspective on the elusive activity of critical thinking**: a theoretical and practical approach. Disponível em: <<http://escalate.ac.uk/2041>>. Acesso em: 15 set. 2012. p. 3.

⁸ Ibidem. p. 5.

O professor/pesquisador Alec Fisher nos conta uma história interessante em uma de suas contribuições a esse campo de pesquisa: *The Logic of real arguments* (2004), livro que foi fruto de sua própria experiência como professor de lógica que ambicionava instrumentalizar seus alunos a argumentar melhor e mais logicamente. A frustração que resultou de suas tentativas, de anos e anos lecionando, para fazer que seus alunos dominassem e aplicassem as técnicas básicas do que ele denomina de “lógica clássica” (formalizações, tabelas de verdade, diagramas de Venn, tabelas semânticas, etc.) aos argumentos reais, verdadeiros (que se opõem aos inventados como exemplos por boa parte dos especialistas em lógica), o fez se esforçar por investigar um método que auxiliasse seus alunos a isolar e avaliar argumentos em textos escritos e capacitá-los a construir seus próprios argumentos de modo eficiente e convincente.

Nesse relato, Alec Fisher conta que o mesmo se passou com muitos outros professores de filosofia e lógica em várias universidades do Reino Unido e da América do Norte, etc. O que ocorreu com ele próprio pode ser considerado como parte dessa história que narra a origem dos programas de pesquisa do pensamento crítico e da lógica informal:

Este livro surgiu a partir de minha experiência como professor de lógica. Como muitos, esperava que o ensino de lógica ajudasse meus alunos a argumentar melhor e mais logicamente. Como muitos, fiquei decepcionado. Os estudantes que eram bem capazes de dominar as técnicas da lógica pareciam achar que essas técnicas eram de pouca ajuda para lidar com os argumentos reais. As ferramentas da lógica clássica - formalização, tabelas de verdade, diagramas de Venn, semântica tableaux, etc. – pareciam simplesmente não se aplicar de um modo direto aos argumentos os quais os estudantes tinham de ler em outros cursos que não os de lógica. Ao mesmo tempo, eu senti que deveria ser possível dar aos estudantes alguma orientação - algum método – os quais poderiam ajudá-los a extrair e avaliar os argumentos de textos escritos e os quais poderiam ajudá-los a escrever bons argumentos por si mesmos. Eu queria fazer com que os procedimentos não fossem formais, mas que fossem construídos a partir da perspectiva da lógica tradicional; este livro é uma tentativa de realizar esse objetivo [...]. Muitos outros professores de lógica e filosofia tiveram também a mesma experiência nas últimas duas décadas e o resultado foi o surgimento do que agora é chamado de "movimento da lógica informal e do pensamento crítico" na América do Norte [...].

*A Lógica dos verdadeiros argumentos*⁹ é uma contribuição para a literatura de um campo de pesquisa que já é muito extenso e não tem nenhuma pretensão de ser abrangente [...] (FISHER, 2004, p. vii, grifo do autor, tradução nossa).

⁹Esta foi a opção de tradução adotada por Rodrigo Castro para a obra *The Logic of Real Arguments* (*A lógica dos verdadeiros argumentos* publicado pela editora Novo Conceito, 2008) de Alec Fisher.

Mesmo que tenham aparecido juntos neste trabalho, os termos *pensamento crítico* e *lógica informal*, que dão nome a esse movimento por uma reforma educacional profunda e crítica, não são a mesma coisa: possuem diferenças cruciais enquanto empreendimento intelectual. Ponderaremos agora só e brevemente sobre o programa de pesquisa denominado de *lógica informal* para diferenciá-la do programa de estudos em *pensamento crítico*.

O empreendimento de pesquisa chamado de *Lógica Informal (Informal Logic)* é um programa de estudos sobre questões lógico-conceituais fundamentais (filosóficas) sobre os aspectos da argumentação que não dependem exclusivamente de encontrar e revelar as formas lógicas dos processos de argumentação, mas que leva em conta os aspectos às vezes extrínsecos (como o contexto da argumentação) e não formais (como o conteúdo informativos dos argumentos e das afirmações que os compõem). *Lógica Informal* (e o pensamento crítico) é um termo usado pelos lógicos que pretende designar um estudo dos “vários aspectos que tornam um argumento ou raciocínio adequado ou não” (MURCHO, *Prefácio à edição portuguesa*¹⁰).

É comum contrastar a *Lógica Informal* à *Formal* para esclarecer ambas: enquanto a lógica formal “estuda apenas os aspectos lógicos da argumentação que dependem exclusivamente da forma lógica”, a lógica informal é um programa de pesquisa que estuda os “aspectos lógicos da argumentação que não dependem exclusivamente e somente da forma lógica” (BRAQUINHO; MURCHO; GOMES, 2006, p. 473), isto é, ela investiga e procura revelar outros tipos de fenômenos lógicos que não os que podemos identificar somente através do estudo da noção de *forma lógica*.

O que os especialistas em lógica chamam de “aspectos lógicos da argumentação” pretende significar que esse estudo tem o interesse de revelar os aspectos/fenômenos lógicos da argumentação em geral que dizem respeito e contribuem para a “validade e a força da argumentação”, tais aspectos (lógicos) são distintos de outros fenômenos, tais como os psicológicos, históricos, sociológicos, retóricos, etc. (BRAQUINHO; MURCHO; GOMES, 2006, p. 473). Por isso os fenômenos lógicos exclusivos estudados e esclarecidos em *Lógica Informal* extrapolam, vão além daqueles estudados pela *Formal*.

¹⁰Texto publicado na revista *Crítica* (Revista de Filosofia) como um prefácio à edição portuguesa da obra *Pensar de A a Z* de Nigel Warburton. (Disponível em: <<http://criticanarede.com/pensaraz.html>>. Acesso em: 1 out. 2012.

Segundo o que diz Douglas Walton, momento em que orienta e fornece ao leitor os objetivos de sua obra *Lógica informal: manual de argumentação crítica* (2006), o empreendimento chamado de *Lógica Informal* estuda e tem a finalidade de construir e fornecer “os métodos básicos de análise crítica de argumentos tais como ocorrem em linguagem natural no universo real de discussões sobre assuntos controversos em áreas como a política, direito, ciência e em todos os aspectos da vida diária” (WALTON, 2006, p. IX).

Leo Groarke, em um artigo endereçado à *Stanford Encyclopedia of Philosophy* cujo título é *Informal Logic*, caracteriza a lógica informal como um empreendimento motivado pelo ensejo de construir e fornecer uma descrição compreensível e o mais abrangente possível que pudesse explicar e avaliar os argumentos tal como os encontramos em discussões e debates reais manifestos na vida diária: em, por exemplo, comentários sócio-políticos, em reportagens dos meios de comunicação em massa (jornais, revistas, televisão, a *World/Wide/Web*, *Twitter*, *Facebook*, etc.), em publicidade e comunicações corporativas e governamentais, e em nossas relações interpessoais, etc.¹¹

Os especialistas contemporâneos em lógica informal, na tentativa de desenvolver uma descrição inteligível, bem como oferecer métodos/instrumentos para o uso crítico do *raciocínio informal real, correto e límpido*, procuram estudar e combinar diversos tópicos, tais como: definições de argumento, identificação de argumentos; o estudo da noção ónus da prova, o estudo empírico da argumentação; o estudo da diagramação de argumentos; da história da análise dos argumentos, dos métodos de investigação argumentativa, o estudo do papel da emoção nos argumentos, das regras implícitas que caracterizam o intercâmbio argumentativo em diferentes contextos sociais (GROARKE).

O empreendimento da lógica informal é influenciado e, muitas vezes, toma emprestado conceitos e ferramentas teóricas de outras áreas para compreender e/ou modelar o raciocínio que ocorre em linguagem natural, ferramentas essas encontradas em disciplinas como a lógica formal, a psicologia cognitiva, a retórica, a dialética, a modelagem computacional, etc. Todo o esforço desse empreendimento, seguindo ainda Leo Groarke, tem possibilitado a construção de um estudo interdisciplinar do raciocínio informal, a qual tem se chamado recentemente de “teoria da argumentação”

¹¹ GROARKE, Leo. **Informal Logic**. [Online] Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/logic-informal/>>. Acesso em: 15 set. 2012.

As origens e a evolução da lógica informal são muitas vezes associada com objetivos educacionais de desenvolver métodos de análise do raciocínio informal/cotidiano (que é comum ao movimento do pensamento crítico, como vimos), pois os pesquisadores reconhecem nisso a base para uma educação crítica mais real, fundamental e universal: aprimorar o raciocínio para o debate público de questões com o objetivo de construir e fornecer um modelo de educação que enfatiza a análise crítica de nossas crenças e decisões, bem como as formas de desenvolver o conjunto de habilidades que essa análise e avaliação crítica requerem (GROARKE).

Para finalizar essa brevíssima menção ao significado do termo lógica informal, nas suas primeiras formulações, esta foi por vezes entendida que seria como que uma alternativa teórica à lógica formal. Contudo, hoje possui um relacionamento mais conciliador com esta última. Muito embora a lógica informal tente compreender e modelar o raciocínio informal, a mesma pode empregar para isso métodos formais para essa modelagem (GROARKE). Sendo assim, hoje não se pode mais dizer que a lógica informal seja uma substituta da lógica formal para o estudo de certos aspectos lógicos da argumentação informal, pois ambas se intercomunicam nesse estudo.

Voltando ao tema deste artigo, o movimento do pensamento crítico se diferencia também de outros tipos de movimentos teóricos/literários/intelectuais por não tender a ter vinculação política nem pender para qualquer movimento político-partidário. Rainbolt (2010) reconhece que o movimento do pensamento crítico não tem gerado muita controversa nos EUA, nem muito a favor nem contra, nem mesmo os próprios membros do movimento. Nem aqueles que não são do movimento (mas que o viram nascer e se desenvolver), dizem que o estudo do pensamento crítico é inútil ou mesmo que seja superestimado pelos professores/pesquisadores. Segundo George Rainbolt (2010, p. 47) “[...] é quase universalmente considerado como uma habilidade de vital importância [...]”.

1 O que é o pensamento crítico: algumas características gerais

Nesta seção, forneceremos caracterizações gerais do que significa o termo pensamento crítico, sendo apenas uma das possibilidades de se entender o tema. Desse modo, uma das formas de se abordar o problema do pensamento crítico é dizer que este se trata do estudo do raciocínio de tipo criterioso que fazemos sobre tanto aquilo que acreditamos quanto aquilo que fazemos - ou sobre as decisões que nós tomamos na

vida. O que quer dizer que estudar para se tornar um pensador crítico é entender e esclarecer que os modos *como*, e *sobre os quais*, agimos dependem do modo como chegamos a acreditar no que acreditamos, já que nossas intenções de agir estão quase sempre de acordo com nossas crenças¹² (TITTLE, 2011).

O conceito de pensamento crítico enquanto um raciocínio criterioso requer que compreendamos os seguintes aspectos essenciais e logicamente inter-relacionados: que o pensamento crítico/raciocínio criterioso é *deliberado* e *minucioso*; e por ser deliberado é intencional e responsável; e por ser minucioso é um raciocínio (pensamento crítico) que busca exaustivamente a perfeição (TITTLE, 2011).

No que diz aos aspectos *deliberado* e *minucioso*, o primeiro significa que, ao raciocinarmos (ou pensarmos criticamente), o fazemos de modo *intencional* e *responsável*, especialmente ao ponderarmos as nossas próprias ideias e valores, e as ideias e valores de segundos e terceiros. Por isso, intencional quer dizer que estabelecemos uma finalidade para o uso do raciocínio, melhor, estabelecemos objetivos quando raciocinamos; e responsável é todo aquele tipo de raciocínio cuidadoso que pondera o que pode ou não pode inferir de certos pontos de vistas, posições, afirmações, etc. Um raciocínio minucioso busca exaustivamente a perfeição, e isso requer, entre outras coisas, que se aprecie (ou se pense criticamente) de forma ampla e profunda o assunto em questão e as diversas nuances e complexidades das questões, dos temas em cheque (TITTLE, 2011).

2 Os componentes e as habilidades do pensamento crítico

O pensamento crítico é uma habilidade mental entre as muitas que temos, e não é possível aprimorar, aprofundar e ampliar essa capacidade apenas por via de memorização de regras e conhecimentos. O *critical thinking* é uma habilidade que aperfeiçoamos, aprofundamos e a ampliamos aos poucos com muito estudo e prática pois é uma habilidade (cognitiva) estruturalmente complexa. Tittle (2011, p. 4) diz que o pensamento crítico, em sua integralidade, pode ser entendido como uma “habilidade multidimensional”, das quais os elementos constituintes básicos são divididos em duas categorias de *habilidades* e *estratégias cognitivas*, quais sejam:

- *Estratégias cognitivas - micro habilidades:*

- comparar e contrastar ideias com a prática real

¹² Na verdade, essa é uma assunção da qual quase sempre partimos, que o que nós fazemos depende sempre do que nós acreditamos.

- pensar sobre o próprio pensamento: utilizando um vocabulário crítico
 - notar semelhanças e diferenças significativas
 - examinar ou avaliar os pressupostos/assunções
 - distinguir os fatos relevantes dos irrelevantes
 - fazer inferências plausíveis, previsões ou interpretações
 - dar razões e avaliar evidências de fatos alegados
 - reconhecer contradições
 - explorar implicações e consequências.
- *Estratégias cognitivas – macro habilidades:*
- refinar generalizações e evitar simplificações
 - comparar situações análogas: transferir insights para novos contextos
 - desenvolver sua própria perspectiva: criar ou explorar crenças, argumentos ou teorias
 - esclarecer questões, conclusões ou crenças
 - desenvolver critérios de avaliação: clarificar valores e padrões
 - avaliar a credibilidade das fontes de informação
 - questionar profundamente: levantar e buscar as raízes ou questões significantes
 - analisar ou avaliar argumentos, interpretações, crenças ou teorias
 - avaliar soluções
 - analisar ou avaliar ações ou políticas
 - ler criticamente: esclarecer ou criticar textos
 - ouvir criticamente: a arte do diálogo silencioso
 - fazer conexões interdisciplinares
 - praticar a discussão socrática: esclarecer e questionar crenças, teorias ou perspectivas
 - raciocinar dialógicamente: comparar perspectivas, interpretações ou teorias.
 - raciocinar dialeticamente: avaliar perspectivas, interpretações ou teorias (PAUL, 1991, p. 78 apud TITTLE, 2011, p. 4-5, tradução nossa, adaptação nossa, grifo nosso)

Como se pode notar pela exposição desses componentes, o estudo do pensamento crítico requer o estudo e a prática de uma espécie de habilidade mental (cognitiva) de “sabermos” como nos tornarmos melhores crédulos de qualquer coisa. Muito embora seja possível pensarmos criticamente sobre algo apenas - às vezes - para nos divertirmos, o pensamento crítico de bom nível deve ser judicioso, criterioso e cuidadoso com o pensar as coisas: pensar cuidadosamente (criticamente) sobre algo, e pensar com a finalidade de avaliá-lo para decidir se é ou não é algo que cada um de nós devemos e podemos aceitar (TITTLE, 2011).

3 Um modelo para análise crítica de argumentos como padrão de estudo e prática do pensamento crítico

Um *modelo para a análise e crítica* de argumentos é um esquema que pode auxiliar-nos a estudar e assimilar (a “utilizar”) as habilidades do *critical thinking* - as habilidades já mencionadas que nos capacita e orienta a reconhecer, analisar e avaliar criticamente argumentos. Isso pode ser feito através de um procedimento de enumerar/destacar um conjunto complexo de habilidades que fazem parte do estudo de como se tornar um pensador crítico. A finalidade é orientar passo a passo o processo de aprendizagem dos acadêmicos para que estes possam se apropriar, natural e progressivamente, e dominar as habilidades de pensamento crítico (os conceitos e os hábitos mentais).

Uma das possíveis abordagens a esse tópico dos modelos de análise crítica de argumentos é discutida e apresentada por Tittle (2011, p. 16-17), modelo/esquema esse que sempre é apresentado no início de cada capítulo de seu manual. É nesse ponto que se pode perceber a finalidade de orientar o leitor/iniciante onde está em determinado momento do processo de aprendizagem. Tittle fornece explicitamente os elementos básicos e as regras necessárias para orientar o iniciante acerca dos métodos e dos conceitos do seu *modelo para análise crítica dos argumentos* na seguinte passagem de seu livro *Critical thinking: an appeal to reason* (2011)¹³:

1. Pergunte a si mesmo: qual é o argumento? (afirmação/opinião/conclusão)?
 - Procure também pelas subconclusões do argumento.
2. Quais são as razões /qual são as evidências apresentadas?
 - Articule todas as premissas não explicitamente declaradas no argumento.
 - Articule as conexões entre as premissas.
3. O que se pode entender exatamente por...?
 - Defina os termos.
 - Esclareça todas as imprecisões da linguagem.
 - Elimine ou substitua a linguagem "carregada" de palavras difíceis e outros tipos de manipulações.
4. Avalie o raciocínio ou as provas:
 - Se for dedutivo, verifique se há verdade/aceitabilidade das premissas e a validade do argumento.
 - Se for indutivo, verifique se há verdade/aceitabilidade, relevância e suficiência no argumento.
5. Como o argumento poderia ser reforçado?
 - Forneça razões adicionais e evidências corroborativas.

¹³ O título original deste tópico no manual de Peg Tittle (2011, p.16-17) é *Modelo para análise crítica dos argumentos (Template for critical analysis of arguments)*.

- Antecipe as objeções: pergunte a si mesmo “há respostas mais adequadas”?
- 6. Como o argumento poderia ser enfraquecido?
- Considere e avalie os contraexemplos, contraprovas e contraargumentos.
- O argumento pode ser modificado ou rejeitado por causa dos contra-argumentos?
- 7. Suspenda o juízo (em vez de aceitar ou rejeitar o argumento), identifique as informações adicionais necessárias (TITTLE, 2011, p. 4-5, tradução nossa, adaptação nossa).

Além de ser necessário ter em mãos um modelo como esse, o estudo de como se tornar um pensador crítico depende também de identificarmos qual é que pode ser o tipo de argumento que podemos estar lidando e avaliando. A avaliação adequada e responsável (crítica) de argumentos depende de entendermos sua *forma* ou *estrutura* e não apenas o *conteúdo* de suas partes. Há dois tipos de convenções que é costume empregar na classificação/categorização de tipos (formas e estruturas) de argumentos. Não trataremos aqui de qual é a mais adequada ou correta. Mas é importante salientar que o problema (pois é um problema mesmo) de quais tipos de argumentos são estudados pelos lógicos é uma questão de longa data, remontando ao tempo da fundação da lógica com os escritos de Aristóteles.

Há, por um lado, um grupo de lógicos que optam por estudar dois tipos gerais de argumentos: os bem conhecidos argumentos *dedutivos* e *indutivos* – baseados nas regras da tradição que impõe essa classificação e os fenômenos lógicos que os interessam e à sua tradição. Por outro lado, há um outro grupo de lógicos que classificam e estudam o que chamam de argumentos *dedutivos* e os não *dedutivos* (que inclui, por exemplo, os argumentos que fazem generalizações e previsões que a tradição anteriormente citada toma como uma das categorias de raciocínio lógico, denominando-os de argumentos indutivos).

Apresentaremos as distinções referentes aos argumentos dedutivos e indutivos. Peg Tittle ela própria também trabalha, em *Critical Thinking* (2011, p. 5), com esses dois gêneros gerais de argumentos: *dedutivos* e *indutivos*.

Seguindo essa opção de distinção entre os argumentos dedutivos e indutivos, os dedutivos são aqueles tipos de raciocínios os quais os lógicos dizem que, se as afirmações que oferecemos para apoiar uma conclusão são verdadeiras (também conhecidas como premissas), e se a estrutura ou as várias partes do raciocínio estão corretamente conectadas (ou com uma estrutura lógica válida ou forma dedutiva válida),

então se tem um argumento válido. Quando as premissas são de fato, e não hipoteticamente, verdadeiras, temos um bom argumento. O argumento é sólido quando dizemos que a sua conclusão se segue necessariamente (argumento válido) de premissas que são de fato, e não hipoteticamente, verdadeiras (argumento bom) (TITLE, 2011, p. 5).

Diferente dos argumentos dedutivos, os argumentos indutivos são aqueles tipos de argumentos em que raciocinamos da seguinte forma: se as declarações que oferecemos para apoiar a conclusão são verdadeiras – ou pelo menos *plausíveis*, e se as afirmações são relevantes, temos assim um bom argumento indutivo. Neste gênero específico de raciocínio pode-se perceber a característica de que, “se a conclusão decorre ou segue-se *provavelmente*, e não *necessariamente*, das premissas, o argumento indutivo é bom”; e quanto maior é a probabilidade mais forte é o argumento (TITLE, 2011, p. 5).

No caso dos argumentos indutivos, somente conseguimos ter como resultado nesse raciocínio uma certeza do tipo de serem estes últimos mais ou menos, ou provavelmente, argumentos bons, isto é, o fato de a conclusão decorrer ou seguir-se das premissas pode ser visto apenas como provável e não necessária (como no caso dos argumentos dedutivos) (TITLE, 2011).

As distinções apresentadas acima têm como finalidade, nesse estudo, mostrar como se pode reconhecer e manipular os conceitos dos gêneros gerais de argumentos que podemos encontrar no discurso ou na linguagem natural. Mas essas ferramentas não são suficientes para pensarmos e entendermos a natureza do significado de pensar (efetivamente) criticamente. Peg Tittle, por exemplo, não acredita ser suficiente somente apresentar esses conceitos para entendermos os *métodos de pensamento* (*critical thinking*). Em muitos casos, em situações reais cotidianas, a certeza pode ser *um sinal de pensamento raso* (e não *crítico*) (“certainty is a sign of shallow thinking!”, [TITTLE, 2011, p. 5]) e, quando isso emergir em uma discussão, “o ideal é que suspendamos o juízo até que possamos ter acesso a mais provas” (“you’ll suspend judgment until you’ve got more evidence” [TITLE, 2011, p. 5]). O estudo das habilidades de pensamento crítico não fornece ferramentas do tipo que podem nos dar certeza absoluta e infalível (que muitas vezes procuramos em algumas situações) em nossa vida cognitiva e pragmática. Por isso, convém agora relatarmos sobre aquilo que não pode ser caracterizado como pensamento crítico e, ao mesmo tempo, contrastaremos com aquilo que estamos chamando de pensamento crítico.

4 O que não é o pensamento crítico

Pensar criticamente é algo que devemos levar muito a sério, pois não se trata de um mero jogo, tal como é visto, por exemplo, pelas pessoas que levam em consideração um ditado popular segundo a qual entende que as pessoas que se esforçam por pensar criticamente – rotineiramente – na verdade estão a “brincar de advogado do diabo” (TITLE, 2011, p. 6). As ideias exibidas por esse ditado são sobretudo imprecisas quanto ao que podemos entender que seja um pensador crítico, porque sugere que devemos aceitar de antemão as opiniões e pontos de vistas, ou mesmos sermos convencidos, sem realizarmos o exercício cotidiano e perseverante de examinar os argumentos (nossos e de segundos e terceiros) presentes em determinados tipos de posições/afirmações/convicções (TITLE, 2011).

Por isso, pensar criticamente não é querer brincar de advogado do diabo, mas é conseguir encontrar meios de possuir os melhores tipos de crenças e mesmo os meios de tentar preservar os níveis mais excelentes nas argumentações e explicações em dado debate. Esse tipo de trabalho intelectual é importante e necessário para uma sociedade. E quando segundos e terceiros reconhecem em nosso ponto de vista que algo está errado, podemos e devemos aproveitar essa ocasião para *contra-argumentarmos* e tornar nosso argumento ainda mais forte. Não podemos nos iludir, mesmo que consigamos dominar as estratégias/métodos de pensamento crítico, quanto ao fato de muitas das vezes chegarmos a reconhecer que não podemos aceitar nem as premissas e nem as conclusões de certo ponto de vista. Temos que reconhecer este tipo de situação como uma coisa muito boa para cada um de nós. O que está em “nossas mãos” é simplesmente a habilidade de saber *porquê* apresentar e *como* expor nossos pontos de vista aos outros de modo articulado, bem como saber ponderar contra-argumentos; nada mais justo (e é o mínimo) a ser feito num debate (TITLE, 2011).

Pode parecer que há no estudo do critical thinking conselhos expressos em formas de autoajuda, como se fosse um manual de autoajuda, principalmente para aqueles que querem respostas para tudo ou mesmo respostas simples e fáceis. Mesmo que se constitua e tenha a finalidade de ser um estudo que ensina-nos a compreender, praticar e tornar nossa própria capacidade de pensar criticamente mais acurada, ampliada e aprofundada, isso não quer dizer que o estudo do pensamento crítico consiga nos oferecer um mapa explanativo completo de todos os enigmas do universo, um guia

que pudesse ser encarado como um “testemunho incontestável de uma realidade complexa frente à difícil condição humana” (TITLE, 2011, p. 6-7).

Nós seres humanos somos propensos, muitas vezes, a ter pensamentos e comportamentos que ignoram e rejeitam os aspectos enigmáticos e complexos do mundo natural, social, individual, etc. Nesse ponto tocamos em um aspecto essencial das características que não pertencem aos pensadores críticos, que é considerar que todas as posições/convicções que podemos ter contato: *ou são obviamente verdadeiras ou são obviamente falsas*, ou mesmo que se pode apurar facilmente a verdade/falsidade de certas afirmações que são feitas pelos seres humanos ou, como diz Tittle, o pensamento/comportamento que considera que tudo é “preto-no-branco” (TITLE, 2011, p. 6). Ser um pensador crítico é se esforçar por ter uma atenção cuidadosa, milimétrica sobre si mesmo, posto que podemos nos frustrar com frequência com esse tipo de pensamento/comportamento “preto-no-branco”.

A atenção milimétrica e cuidadosa sobre si mesmo é um importante componente que pode nos auxiliar em superar o ponto de vista que considera que tudo é “preto-no-branco” (TITLE, 2011, p. 6). É importante ter como hábito de pensar que muitos dos argumentos com que lidamos no mundo real não sejam argumentos simplesmente certos ou errados (o “preto-no-branco”), mas argumentos que podem estar em outro nível que não o do “preto-no-branco”: podemos chegar a reconhecer que o argumento que estamos lidando seja até mesmo, inesperadamente, mais forte e revela uma realidade mais profunda do que a esperada numa primeira análise.

Uma das razões que se pode apresentar para começar a aceitar esse ponto de vista é que todas as posições/convicções que podemos entrar em contato, lidar e avaliar não conseguem dirimir e extinguir as próprias questões ou problemas com os quais lidamos e enfrentamos no mundo real: seja na academia, no trabalho e na vida cotidiana. Pensar criticamente, por isso, exige que não nos deixemos enganar e frustrar facilmente pela ideia de que a verdade pode e deve ser apurada simples e facilmente, pois podemos descobrir que existem muito mais perguntas do que respostas a estas.

A atitude, a habilidade de pensar criticamente se caracteriza sobretudo pelo fato de as pessoas (que estão pensando criticamente) não se deixarem oprimir pelas indagações que fazem ou pelos problemas (teóricos e pragmáticos) que encontram em sua vida: o ser humano normal e real, e que pode pensar criticamente, não está (e nunca esteve) sempre em condições de responder a todas as perguntas que podem aparecer e com as quais ele precisa, profissional e cotidianamente, lidar. Em parte, pensar

criticamente também significa que nós seres humanos devemos e podemos nos orgulhar e maravilhar-nos por termos a capacidade e a consciência de que muitas vezes deixamos as próprias perguntas abertas por não termos todas as condições possíveis (psicológicas, científicas, tecnológicas, sociológicas, etc.) de respondermos a todos os problemas que emergem em nossa relação com o mundo real (TITTLE, 2011).

O pensamento crítico não pode, nem deve, ser entendido (confundido) como um tipo de análise e avaliação crítica sempre negativa, posto que toda análise e avaliação crítica pode ser tanto positiva quanto negativa. Crítico designa um padrão de raciocínio - cuja definição fornecemos antes. Etimologicamente, o termo, crítico é derivado de *Criticus* (latim) e de *Kritikos* (grego) que significa “capaz de fazer julgamentos”¹⁴.

Nossa capacidade de pensar criticamente não é somente destrutiva (embora possamos dizer que “quando tiver que ser destrutiva será” [TITTLE, 2011, p. 7]), mas sobretudo construtiva para nós mesmos e o mundo social em que vivemos. Muitas das vezes isto pode tornar-se destrutivo, mas isso se dá porque talvez essa seja a parte fácil do trabalho, posto que é muito mais fácil destruir que consertar (isso serve mesmo até para nosso cotidiano e os objetos físicos com os quais lidamos, pois até mesmo um bebê pode destruir algo se quiser fazê-lo). No entanto, o mais difícil é procurar construir algo para criá-lo por si mesmo (seja ele um brinquedo ou um argumento) (TITTLE, 2011).

Pensar criticamente nunca é um tipo de atividade mental passiva e automatizada, pois ao procurarmos pelos erros (nossos e de segundos e terceiros) com a finalidade de corrigí-los, nos importamos e nos esforçamos por identificar os mesmos. E ao atribuímos importância, nos esforçando em identificar os pontos fracos de nossas próprias posições/convicções e argumentos, com a finalidade de fortalecê-los, isso é o que é pensar criticamente, envolvendo pois a pessoa estar ativa e voluntariamente consciente do processo.

Defender nossos interesses, posições, opiniões, crenças, hipóteses, teorias nos faz sermos agentes ativos e voluntários no processo de debate de questões, ideias e argumentos em busca da verdade e da justiça, bem como ao defendermo-nos de segundos e terceiros, advogarmos nossas próprias reivindicações, argumentos e interesses práticos e teóricos (TITTLE, 2011).

Pelo fato de o estudo do pensamento crítico apresentar estratégias que nos auxiliem na

¹⁴ No *Dicionário Houaiss*, nos verbete *crítica* e *crítico* diz que estes dois respectivamente surgiram a partir do adjetivo latino *criticus* que significa “apreciação, julgamento”, e do grego *kritikós* que significa “aquele que julga, avalia e decide”.

tarefa de como podemos argumentar melhor lógica e solidamente, pensar criticamente não se aplica somente a aprender a aprimorar a ganhar debates e conversas: é um estudo e aprimoramento para aqueles que querem estar conscientes (de forma criteriosa/crítica) das seguintes coisas:

- 1) do que (ou em que) se acredita;
- 2) no que é que podemos e devemos de fato chegar acreditar;
- 3) saber o que é o, e como devemos, agir (TITTLE, 2011, p. 7).

Por isso, o estudo do pensamento crítico pode ser visto como uma *abordagem cooperativa e o próprio pensar criticamente caracterizado como uma atitude cooperativa*: em que nos aplicamos ativamente ao ouvirmos todas as reivindicações de verdade de outras pessoas, todos os argumentos de segundos e terceiros, e a explorar todas as reivindicações e todos os argumentos possíveis por nós mesmos, com base em instrumentos e recursos teóricos e pragmáticos que nos sugerem como chegar ao melhor modelo de afirmação e de argumento. Uma *discussão crítica* raramente envolve unicamente argumentos contraditórios, por isso "eu estou certo e você está errado" raramente pode se aplicar caso a caso (TITTLE, 2011, p. 7).

Pensar criticamente nem sempre tem que se caracterizar como um tipo de pensamento frio (emocionalmente). Na abordagem empreendida por Tittle, por exemplo, razão e emoção “andam ambas lado-a-lado” (2011, p. 7) e pensar criticamente se caracteriza como “pensar criticamente de forma apaixonada” (2011, p. 7). Querendo dizer isso que temos de considerar que é tão racional quanto apaixonante pensarmos que temos bons motivos para acreditarmos no que acreditamos.

Todo pensamento crítico (de bom nível) leva em conta, e tem por trás, boas emoções, em que a razão é, e deve sempre ser, apoiada pela paixão e a paixão é, e deve sempre, apoiada pela razão (TITTLE, 2011, p. 7): nenhuma dessas duas características - racionais e emocionais - devem ser substitutas uma (a razão) para a outra (a emoção).

O significado de *critical thinking* não é aparentado ao de *intuição*. As intuições são de natureza bem diversa. Entende-se que a intuição é senão um sentimento, uma espécie de palpite que podemos ter sobre nós mesmos e o mundo em geral, sendo por isso algum tipo de disposição/capacidade mental que nós seres humanos “quase” que inconscientemente adquirimos em decorrência de algum condicionamento da infância, fruto da “criação” de nossos pais, parentes, irmão, amigos e da sociedade em geral (TITTLE, 2011).

As intuições não são passíveis de serem articuladas com os, nem de serem analisadas através dos, porquês, das razões que temos para intuir o que intuímos; e se não podemos fazer isso certamente nós não conseguiremos avaliar criticamente nossas próprias intuições. A intuição é uma espécie de faculdade de discernir ou pressentir as coisas independentemente do raciocínio ou da análise crítica, como quando dizemos: “tenho a intuição de que algo vai acontecer”, como que pressentindo/antecipando o acontecimento de algo, sendo semelhante ao que chamamos de apercepção, que antecede a percepção minuciosa e analítica que temos do mundo real.

Finalizando esta seção, por se basear, em parte, em vários princípios da Lógica, o estudo do pensamento crítico se diferencia daquilo que chamamos de senso comum. Tittle, por exemplo, não desmerece nem desqualifica (ou mesmo argumenta contra) o senso comum, apenas procura diferenciar este último do pensamento crítico, como forma de introduzir e caracterizá-lo ao leitor, mesmo porque considera que podemos nos apropriar e partir de alguns princípios básicos presentes em nosso senso comum. O estudo do *critical thinking* vai além de muitos princípios dos quais partimos em nosso senso comum, no sentido de que vão além da compreensão que temos e do uso que muitas vezes fazemos de certas crenças, que podem muitas vezes se mostrarem verdadeiras para todos nós (o senso comum), mas que, depois de analisadas e avaliadas, chegamos à conclusão que são falsas (TITLE, 2011).

Considerações finais: alguns frutos gerados pelo movimento do pensamento crítico e da lógica informal

Podemos formular uma síntese do que foi discutido até aqui sobre o estudo do pensamento crítico, fornecer uma compreensão geral. O pensamento crítico pode ser entendido como o estudo daquela parte da atividade de nossa vida mental (cognitiva ou intelectual, que lida com ideias) em que procuramos meios (métodos e orientações) de saber como chegar a boas razões pelas quais conseguimos sustentar, fundamentar, justificar:

- pontos de vistas (filosóficos, científicos, de senso comum, religiosos, etc.),
- teorias (filosófica, científica, de senso comum, religiosa, etc.)
- ou mesmo as afirmações que fazemos na vida cotidiana e profissional (seja esta última filosófica, teológico-religiosa, científica, etc.),

Bem, a capacidade humana de pensar criticamente é mais antiga do que o próprio estudo dela, pois o que foi denominado aqui de “pensamento crítico” pode ser visto como uma das formas mais antigas de manifestação de espírito das civilizações até hoje construídas; assim pertence e é parte de toda a humanidade.

No entanto, a habilidade de pensar criticamente somente ganhou a atenção direta e primária de professores/pesquisadores no século XX, notadamente na década de 60, em países como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália. Houve, e há ainda, uma enorme demanda de esforço e de trabalho por parte dos pesquisadores como nunca houve antes na história das ideias, fundando um movimento e programa de estudos exclusivamente sobre as nossas capacidades/habilidades de pensamento crítico (com preocupações teóricas, pragmáticas, sociológicas, psicológicas, didáticas, pedagógicas, paradigmáticas).

Para termos uma ideia do esforço que foi empreendido por esse movimento é só consultarmos os catálogos de algumas editoras para reconhecermos muitos dos frutos (inúmeros livros-guias) já produzidos nas últimas décadas: livros sobre Critical Thinking podem ser encontrados nos catálogos de editoras tais como a Oxford University Press, Cambridge University Press, Blackwell, Routledge, Wadsworth, mencionando somente algumas das mais importantes, e nesses livros seus respectivos autores oferecem um “curso” o qual visa treinar e aperfeiçoar as habilidades de argumentar/pensar/escrever criticamente: ensinando a escrever, a pensar e a discutir textos argumentativos de forma crítica.

Mesmo que os esforços sejam muitos e que haja muito material disponível para professores e alunos, isso não quer dizer que a aquisição/construção e o desenvolvimento/aperfeiçoamento do “pensar crítico” deixem de ser uma tarefa árdua, longa e sistemática a se realizar e executar. Assumimos que não é simples e fácil sequer sabermos o tempo todo quando é que nós próprios devemos nos deixar acreditar, confiar, persuadir por afirmações e/ou pontos de vistas de outras pessoas; ou mesmo sabermos por nós próprios se os nossos pontos de vistas estão sendo bem fundamentados por argumentos bons e sólidos, já que ser crítico significa que alguém está habilitado a construir bons e sólidos argumentos e ter pontos de vistas mais coerentes e adequados.

No que diz respeito à literatura produzida no Brasil, obras que concebem “guias do pensar criticamente” ainda são raras de se encontrar. O que se encontra, em termos

de livros (bibliografia, literatura) sobre *critical thinking* (pensamento crítico) são obras traduzidas de lógica informal, argumentação e retórica e cujo título (ou ao menos o subtítulo) seja “pensamento crítico”. É o caso da tradução e adaptação de *Critical Thinking* (Wadsworth, 2006) de Richard L. Epstein e Carolyn Kernberger, para a nossa língua, cujo título ficou *Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação* (Riddel, 2010): a primeira grande iniciativa e avanço nesse sentido em nosso país, na elaboração de “guias da arte do pensar criticamente”, como o chamam os próprios autores Richard L. Epstein e Walter Carnielli.

Diferente das instituições de nível superior de outros países (Inglaterra, França, Canadá, Estados Unidos, etc.), não é o objetivo principal de nossas instituições de nível superior (sequer do ensino médio e fundamental) oferecer uma formação de excelência no que se refere ao pensar (de fato) criticamente: adquirir a capacidade de reconhecer e formular bons argumentos – prática fundamental para o exercício sério e pleno da cidadania e da democracia e componente basilar para formação acadêmica nas universidades. Embora seja uma necessidade tão básica e universal, a familiaridade com a boa argumentação ainda não é uma realidade para grande parte da população brasileira. Devido a essa falta de acesso a obras sobre argumentação crítica, boa parte das pessoas ficam expostas a todo tipo de falácias e argumentação do tipo enganosa.

O movimento e estudo do pensamento crítico tem ganhado espaços em muitos cursos que não os de Filosofia. Várias *Fundações, Comunidades, Fóruns* de discussões, *Associações* (nenhumas delas de caráter estatal ou governamental) têm surgidos nos países em que se originaram o movimento, como falamos antes. Nesta conclusão, gostaríamos também de mencionar algumas delas, surgidas a partir da década de 60, a seguir¹⁵.

No ano de 1983 foi fundada a *Association for Informal Logic & Critical Thinking* (*Associação para o avanço da lógica informal e do Pensamento Crítico*) (*AILACT* daqui para frente). Enquanto associação de professores/pesquisadores a *AILACT* é de cunho acadêmico e sem fins lucrativos, e visa promover a investigação, o ensino e a construção de testes em lógica informal e pensamento crítico. A *AILACT* tem patrocinado programas de estudos em pensamento crítico, em conjunto com a *Associação Filosófica Americana* (do Oriente, do Pacífico e da América Central) e tem

¹⁵Lembramos ao leitor que as *Fundações*, as *Comunidades* online, os *Fóruns* de discussões *online* e as *Associações* que citaremos aqui talvez não sejam as principais e as mais importantes, do ponto de vista da contribuição e do reconhecimento social internacional.

também, nos últimos anos, patrocinado programas em conjunto com a *Associação Filosófica Canadense*¹⁶.

Em 1999, foi fundado o *Advanced Reasoning* e, enquanto um *fórum online* de debates, o *Advanced Reasoning* possui a finalidade de desenvolver pesquisas e publicações nos campos da teoria e da pedagogia da lógica e da epistemologia, que respectivamente se referem à arte do raciocinar bem e a arte do estudo do conhecimento derivado do raciocínio, podendo ser de interesse tanto de alunos, professores e pesquisadores¹⁷.

O *Center for Critical Thinking and Moral Critique* e a *Foundation for Critical Thinking* (*Centro de Pensamento Crítico e de Crítica Moral e Fundação para o avanço do Pensamento Crítico*) são organizações que também não são financiadas por qualquer tipo de agências governamentais, religiosas, ou mesmo outros grupos de interesses políticos partidários. Todos os fundos econômicos têm sido gerados pelo próprio *Center for Critical Thinking and Moral Critique* e pela *Foundation for Critical Thinking* através de eventos e publicações que desenvolvem e organizam há mais de 28 anos¹⁸.

O *Center for Critical Thinking and Moral Critique* (*Centro de Pensamento Crítico e de Crítica moral*) é uma unidade de trabalho que realiza pesquisas avançadas e divulga informações sobre o estudo do pensamento crítico. A cada ano o *Center for Critical Thinking and Moral Critique* patrocina uma conferência internacional tematizada em torno do pensamento crítico e das reformas educacionais¹⁹. Além disso, o *Center for Critical Thinking and Moral Critique* e a *Foundation for Critical Thinking* procura promover uma mudança essencial na educação e na sociedade através do cultivo do que chamam de pensamento crítico imparcial²⁰.

A *Foundation for Critical Thinking* tem o papel de integrar a pesquisa do *Center for Critical Thinking and Moral Critique* e seus desenvolvimentos teóricos e criar eventos e recursos destinados a ajudar os educadores a melhorar seu trabalho em sala de aula. Os materiais desenvolvidos por meio da *Foundation for Critical Thinking* incluem

¹⁶ Texto extraído, traduzido e adaptado do site <http://ailact.mcmaster.ca/>. Acesso em: 10 set. 2012.

¹⁷ Retirado, traduzido e adaptado de: <http://www.advancedreasoningforum.org/Home.htm>. Acesso: 10 set. 2012.

¹⁸ Retirado, traduzido e adaptado de: <http://www.criticalthinking.org/pages/contributions-to-the-foundation-for-critical-thinking/402>. Acesso: 10 set. 2012.

¹⁹ Retirado, traduzido e adaptado de: <http://www.criticalthinking.org/pages/center-for-critical-thinking/401>. Acesso: 10 set. 2012.

²⁰ Retirado, traduzido e adaptado de: <http://www.criticalthinking.org/pages/our-mission/405>. Acesso: 10 set. 2012.

livros, livros-guias de pensamento crítico, vídeos, e outros recursos para o ensino e aprendizagem²¹.

Segundo George Rainbolt (2010), nos últimos vinte anos o movimento do pensamento crítico cresceu e se espalhou por mais de, aproximadamente, 2.000 (duas mil) faculdades em todas as disciplinas das Universidades no estado da Geórgia, e milhares de estudantes agora fazem cursos de pensamento crítico em uma quilíades de universidades nos EUA; e não somente nos departamentos de filosofia mas em um número considerável de outros departamentos de língua inglesa também.

A posição que queremos expressar aqui é que é possível ver no estudo do pensamento crítico o emprego de ferramentas valiosas para os acadêmicos aqui no Brasil. Instrumentos que mostram a forma (ou como) e o que nós próprios podemos ensinar o que ensinamos de modo crítico e, conseqüentemente, ensinar nossos acadêmicos, seja de filosofia ou de outros cursos, a pensarem criticamente por si mesmos, a criarem imunidade contra a má persuasão aprendendo a persuadirem bem a si mesmos e as outras pessoas com quem podem chegar a lidar em sua vida cotidiana e profissional.

O estudo do pensamento crítico pode ser também uma tentativa de estender o uso crítico do nosso raciocínio (formal e informal) para além da sala de aula das universidades, escolas e colégios brasileiros, posto que as pessoas que passarão (professores, alunos, etc.) por esse tipo de curso poderão chegar até aos auditórios públicos, onde ocorrem as discussões políticas, legais, socioambientais, etc., com o raciocínio afiado, com um calibre razoável na estrutura de sua racionalidade.

Poderá mesmo vir a ocorrer um aperfeiçoamento também no raciocínio público brasileiro, principalmente nas discussões de ideias e propostas políticas, nos debates de argumentos legais e nos comentários sociais encontrados nos jornais, na televisão, na Internet e em outras formas de comunicação de massa: com um aprimoramento do raciocínio público brasileiro e podemos também esperar por um melhoramento no estabelecimento de discussões e debates das políticas públicas de forma realmente séria e democrática em nosso país.

Se os professores e os alunos forem treinados a dominarem as técnicas/estratégias do estudo do pensamento crítico como é proposto nesses manuais de língua inglesa, então estarão mais preparados para pensar criticamente. Todos nós

²¹ Retirado, traduzido e adaptado de: <http://www.criticalthinking.org/pages/our-mission/405>. Acesso: 10 set. 2012.

poderemos chegar a ter discursos mais sensatos e bem fundamentados por argumentos cogentes, e provavelmente todos nós poderemos vir a analisar, avaliar e aceitar (ou não) argumentos nos assuntos que cada um de nós se interessa em estudar e discutir, seja na academia e na vida em geral. Com isso, talvez não sejamos tão enganados e persuadidos por políticos, médicos, vendedores com más intenções, etc.

Bem, pode parecer que, logo no final do artigo, estaríamos nos pendendo a defender e avaliar positivamente (logo propositada e oportunamente) os estudos gerados pelo movimento do pensamento crítico. Não foi nosso objetivo realizar, e é muito cedo para isso, uma avaliação crítica integral, em termos de entender os contributos e os impactos sociais, técnicos, acadêmicos, etc. e mesmo a relevância desses contributos (do movimento do pensamento crítico e da lógica informal) para a evolução do raciocínio informal - individual e social – efetivo dos seres humanos.

Acreditamos ser importante, do ponto de vista teórico e pragmático, o estudo da literatura produzida por esse movimento. Consideramos imprescindível, para o progresso intelectual autêntico e socialmente relevante do Brasil, a organização e realização de reformas educacionais tais como foram e estão sendo implementadas e empreendidas pelo movimento do pensamento crítico no Reino Unido, na Austrália, no Canadá e nos EUA, etc. No entanto, seria charlatanismo estrito senso da nossa parte defender a qualquer custo como se, do ponto de vista teórico e pragmático, tudo o que o movimento propusesse e estabelecesse fosse infalível.

Como todo empreendimento teórico-pragmático que quer transformar a realidade, o movimento do pensamento crítico tende a confiar em determinados pressupostos que outras propostas de estudos (filosóficas, por exemplo) já a rejeitariam em princípio (RAINBOLT, 2010). O movimento do pensamento crítico tende a pressupor sem questionar (o que seria um contrassenso para o movimento no sentido exato da palavra) determinadas proposições que todo bom teórico rejeitaria²² - principalmente os filósofos contemporâneos. Falaremos um pouco desses pressupostos assumidos pelo movimento nos próximos parágrafos.

O movimento do pensamento crítico acredita que está tentando fazer uma diferença real e concreta na vida cotidiana das pessoas, principalmente nos jovens de 18 a 22 anos. Por isso, seu enfoque pragmático não tem porque ficar citando grandes e reconhecidos teóricos (como os filósofos, por exemplo, que foram responsáveis por

²² Mas quem de nós não o faria? É possível para nós, qualquer um de nós, não partir de nenhum pressuposto sem questionar?

fundar, sistematizar, formalizar, retificar e modificar a Lógica como um todo), tal característica desse movimento explica porque, segundo Rainbolt (2010) os livros de pensamento crítico raramente mencionam filósofos.

Muito pelo contrário, nesse estudo é utilizado e retirado em demasia coisas do que o próprio cotidiano oferece: como, por exemplo, materiais de propagandas de televisão, editoriais de jornais e discursos de políticos, com a finalidade de clarificar, explicar e especificar os conceitos, os métodos, as técnicas e as estratégias de pensamento crítico. As abordagens ao pensamento crítico são consideradas pelos próprios pesquisadores como um trabalho intelectual de nível elementar, por isso é que é evitado o uso em demasia de jargão técnico e de literatura especializada avançada (como o uso de expressões em latim e de autores muito difíceis de ler, como Hegel e Nietzsche, por exemplo) (RAINBOLT, 2010).

Devido a essas características (de o movimento do pensamento crítico tender a pressupor sem questionar determinadas proposições, de seu enfoque pragmático não citar grandes teóricos, ser uma abordagem cujo trabalho central é de nível elementar), a literatura produzida pelo movimento do pensamento crítico é considerada teoricamente rasa, pois as obras produzidas, não levantam questões fundamentais/conceituais (filosóficas) sobre, por exemplo, a natureza da verdade, ou nem ao menos questiona o fato de podermos considerar se a verdade é, ou não é, objetiva, e mesmo qual seria o método (seguro) de se obtê-la e se somente os argumentos racionais levam (nos conduzem) às crenças verdadeiras (RAINBOLT, 2010).

Com relação, por exemplo, a pressupostos filosóficos que podem estar subjacentes às teorias do movimento pensamento crítico, de acordo com Rainbolt (2010), por vezes os livros produzidos tendem a assumir como pressupostos básicos algumas asserções de algum gênero de *teorias da verdade*: pode-se citar como exemplo a famosa *teoria da verdade como correspondência* e a visão que assume que as proposições somente podem ter como propriedade dois valores de verdade (a bivalência) - os quais aparecem como verbetes em quaisquer bons dicionários de filosofia. Ou mesmo os teóricos do movimento do pensamento crítico chegam a assumir uma posição que chamamos de realismo ingênuo metafísico (sobre o problema filosófico do mundo externo) sem questionar explicitamente a seus leitores alguma posição realista.

Os representantes do movimento não apresentam e nem explicitam os pressupostos assumidos nos manuais ao seu leitor. Ou seja, as teorias desenvolvidas

pelo movimento não questionam a fundo determinados pressupostos que qualquer um de nós talvez colocaria em cheque num estudo mais profundo, longo e muito avançado – como se faz às vezes no mestrado e no doutorado.

De modo a finalizar este artigo, como tentamos mostrar, o pensamento crítico é um tipo de habilidade muito específica, levando em conta as abordagens surgidas e as técnicas exploradas por cada uma destas. Além disso, a abordagem ao pensamento crítico que segue determinados parâmetros da lógica formal e informal torna seu estudo mais específico ainda: se resume a habilidade de avaliar corretamente os argumentos feitos por segundos e terceiros e ensinar técnicas/estratégias de saber como construir bons argumentos por si mesmo.

Sendo assim, o pensamento crítico não é um tipo de habilidade que traz como resultado todo tipo de sucesso acadêmico e profissional. Muito embora tenha se discutido muito sobre sua generalidade e importância, e que talvez seja estes um dos fatores responsáveis pela popularidade da disciplina. Conforme Rainbolt (2010), isso ocorre em muitos campi das universidades dos Estados Unidos, o que acaba por gerar uma falsa visão de que o pensamento crítico pode trazer o sucesso em geral, seja em que área do conhecimento for, tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional.

É necessário chamar atenção para esse ponto, visto que o pensamento crítico não é como as outras habilidades, tais como, por exemplo, a que nos permite sermos capazes de ler e escrever frases gramaticalmente corretas, aquela de realizar cálculos matemáticos, a de organizar os dados para realizar os trabalhos acadêmicos: todas estas habilidades são tão importantes e imprescindíveis para sucesso acadêmico quanto o pensamento crítico (RAINBOLT, 2010).

Referências

- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EPSTEIN, Richard; CARNIELLI, Walter. **Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação**. São Paulo: Editora Rideel, 2010.
- _____. ; KERNBERGER, Carolyn. **Critical Thinking**. Canadá: Thomson/Wadsworth, 2006.
- FISHER, Alec. **A lógica dos verdadeiros argumentos**. São Paulo: Novo Conceito, 2009.
- _____. **The logic of real arguments**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GROARKE, Leo. **Informal Logic**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/logic-informal/>>. Acesso em: 15 set. 2012.

MOON, Jennifer. **A new perspective on the elusive activity of critical thinking**: a theoretical and practical approach. Disponível em: <<http://escalate.ac.uk/2041>>. Acesso em: 15 set. 2012.

MURCHO, Desidério. **Prefácio à edição portuguesa**. Disponível em: <<http://criticanarede.com/pensaraz.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

RAINBOLT, George. Pensamento crítico. **Fundamento**, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 35-50, set./dez., 2010.

TITTLE, Peg. **Critical Thinking**: an appeal to reason. London: Routledge, 2011.

WALTON, Douglas. **Lógica informal**: manual de argumentação crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Web Referências

Association for Informal Logic & Critical Thinking (AILACT):
<http://ailact.mcmaster.ca/>.

Center for Critical Thinking and Moral Critique:
<http://www.criticalthinking.org/pages/center-for-critical-thinking/401>.

Escalate - Education Subject Centre:
[www.http://escalate.ac.uk/](http://escalate.ac.uk/).

Foundation for Critical Thinking:
<http://www.criticalthinking.org/pages/contributions-to-the-foundation-for-critical-thinking/402>.

Stanford Encyclopedia of Philosophy:
<http://plato.stanford.edu>.

The Critical Thinking Community:
<http://www.criticalthinking.org/>.